

SAHARA OCIDENTAL: RECONHECIMENTO INTERNACIONAL DA LUTA PELA LIBERDADE E A JUSTIÇA

Dezembro é um mês de balanços e a luta pela liberdade e a justiça não podia escapar a esse escrutínio. O reconhecimento brotou na Suécia que premiou o empenhamento de uma personalidade e de uma associação na emancipação do Sahara Ocidental.

No passado dia 4 de Dezembro a Fundação *Right Livelihood* entregou em Estocolmo os seus prémios anuais – o Prémio *Right Livelihood* - a quatro activistas dos direitos humanos.

Os laureados deste ano foram:

- «a defensora dos direitos humanos Aminatou Haidar (Sahara Ocidental)» pela «sua firme acção não-violenta, apesar da prisão e tortura, em busca de justiça e autodeterminação para o povo do Sahara Ocidental»;

- «a advogada Guo Jianmei (China), pelo seu trabalho pioneiro e persistente em garantir os direitos das mulheres na China»;

- «a activista ecológica Greta Thunberg (Suécia), por inspirar e ampliar a exigência política por uma acção climática urgente que reflecta factos científicos»;

- e «o dirigente indígena Davi Kopenawa e a Associação Hutukara Yanomami (Brasil), pela sua determinação corajosa em proteger as florestas e a biodiversidade da Amazónia e as terras e as culturas dos seus povos indígenas».

Ole von Uexkull, director executivo da Fundação *Right Livelihood*, ao anunciar os eleitos disse: «Prometemos aos laureados um apoio a longo prazo e a apresentação do Prémio em Estocolmo é o ponto de partida celebrativo da nossa cooperação. O nosso trabalho de apoio será adaptado às necessidades específicas dos laureados e esperamos ampliar o seu trabalho pioneiro.»

Como nos é contado no sítio da Fundação, «Passaram-se 40 anos desde que a Fundação Nobel recusou a criação de um prémio ambiental e o filantropo sueco-alemão Jakob von Uexkull decidiu estabelecer o *Right Livelihood Award*, amplamente conhecido como o "Prémio Nobel Alternativo" e hoje um dos mais prestigiados prémios em sustentabilidade, justiça social e paz.»

Na ocasião, a jornalista Amy Goodman (laureada em 2008 e que se encontrava em Díli aquando do massacre de 12 de Novembro de 1992) moderou uma conversa com o lançador de alertas Edward Snowden (laureado em 2014), que participou através de uma ligação a partir de Moscovo.

«Antes de mais, gostaria de agradecer ao júri internacional do prémio *Right Livelihood* pela honra



Fig. 1: Aminatou Haidar (foto Fundação *Right Livelihood*)

que me concedeu. É um reconhecimento da luta do meu povo pela liberdade e independência, mas também uma homenagem à dignidade humana e aos princípios e valores dos direitos humanos e dos povos». Assim começou Aminatou Haidar, presidente da associação CODESA (colectivo de defesa dos direitos humanos do povo saharauí), a sua declaração. E continuou: «Permitam-me que felicite também os outros três vencedores que partilham comigo este prémio. Quero dizer-lhes que as suas lutas são nossas e que são complementares e buscam uma humanidade mais justa, mais respeitadora dos direitos humanos, da natureza e da grande pátria que nos abriga a todos, a nossa mãe Terra.»

Lembrou que a experiência dela não é um caso isolado mas identifica-se com o de «muitos dos meus compatriotas, alvo de injustiças, violações de direitos humanos, humilhações, desaparecimentos forçados, torturas e privações, mas também de resistência, sacrifício, recusa de submissão e determinação em defender os direitos humanos e dos povos».

«As partes directamente responsáveis por esse sofrimento são o Estado marroquino de ocupação, que ainda se recusa a reconhecer os nossos direitos como povo saharauí. Mas outros países europeus também são responsáveis pelo nosso sofrimento, como a Espanha, que falhou nas suas responsabilidades em relação à sua antiga colónia, a França, que protege e apoia Marrocos no Conselho de Segurança e, é claro, a ONU, que falhou na implementação das suas resoluções sobre o nosso direito à autodeterminação e independência e se tornou a protectora do *status quo*, apoiando de certa forma a ocupação». Acrescentando que «à União Europeia também cabe parte dessa responsabilidade, devido à sua persistência em saquear os nossos recursos naturais com a cumplicidade de Marrocos, em total violação de todas as leis.»

No Sahara Ocidental «queremos um mundo de democracia, de respeito pelos direitos humanos, de soberania dos povos sobre as suas riquezas e de respeito pelos valores e princípios do direito internacional que governam as relações entre povos e nações. «Eles querem um mundo que idolatra os interesses em detrimento das leis, um mundo de violência e poder em detrimento da paz, um mundo de subjugação e opressão em detrimento da amizade entre os povos e de cooperação construtiva para a coexistência pacífica». Em compensação, «o mundo que queremos como povo saharauí, como defensor pacífico dos direitos humanos e dos povos, é um mundo em que podemos usufruir do nosso direito a um futuro decente para as gerações futuras. Este mundo é muito diferente do mundo da tirania.»

E concluiu: «Finalmente, faço-vos um apelo para virem em nosso auxílio. Fiquem connosco e salvem muitos de nós da opressão da ocupação marroquina. Salvem mulheres e crianças pacíficas e inocentes, e convido-vos a juntarem-se à luta humanitária para libertar dezenas de presos políticos saharauís condenados a penas pesadas e injustas.»

Mas não foi só Aminatou Haidar a ver reconhecido o seu empenhamento na luta contra a opressão colonial marroquina. O grupo *Equipe Média* — que esteve presente no DOCLISBOA 2018 — foi premiado pelo *Afrikagrupperna*, uma organização sueca fundada em 1974 de apoio a campanhas de educação e informação em África (envolveu-se na luta contra o regime de *apartheid* na África do Sul).

Na nota informativa dando conta da atribuição do prémio divulgada no final do ano, justificam assim a sua escolha:



Fig. 2: *Afrikagrupperna*

«A *Equipe Média* foi fundada em 2009 e usa um método não violento para romper o bloqueio informativo. Os seus membros trabalham em segredo documentando as violações dos direitos humanos no Sahara Ocidental ocupado. Acompanham e relatam manifestações públicas, ataques policiais, prisões e julgamentos. Os seus filmes e fotografias são distribuídos a organizações internacionais de direitos humanos e testemunham os actos brutais das forças de segurança marroquinas contra a população do Sahara Ocidental.

«O Sahara Ocidental ocupado é, na prática, inacessível aos meios de comunicação internacionais e aos observadores de direitos humanos. Vários jornalistas e observadores estrangeiros foram expulsos do território ou viram a sua entrada recusada. A *Equipe Média* ajudou os poucos que conseguiram entrar no Sahara Ocidental.

«A MINURSO, a missão da ONU que é usada há décadas para monitorizar um referendo (continuamente adiado por Marrocos), é a única intervenção da ONU que não tem autoridade para informar sobre crimes contra os direitos humanos. Na ausência de observadores internacionais, os informantes saharauís são a fonte de documentação dos abusos diários. A *Equipe Média* desempenha um papel fundamental na disseminação de informações sobre o Sahara Ocidental para o resto do mundo.

«A *Afrikagrupperna* decidiu entregar o prémio de solidariedade deste ano à *Equipe Média*, porque consideramos o trabalho deles como uma verdadeira acção de solidariedade. Com as suas acções corajosas para documentar as violações de direitos humanos e disseminar as informações coligidas por todo o mundo, a *Equipe Média* trabalha para acabar com a ocupação e melhorar as condições de vida do povo do Sahara Ocidental.»